O antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla aporta no Brasil, postumamente, a partir da tradução do seu livro *México profundo: uma civilização negada*. Publicado no final da década de 1980, em pleno projeto neoliberal galopante na América Latina, em 2019, a obra recebeu tradução da antropóloga Rebecca Lemos Igreja, erigida pelos esforços da Universidade de Brasília (UnB), Biblioteca de Antropologia e Ciências Sociais Brasil-México e Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia Social (Ciesas).

No prefácio dessa obra, a antropóloga Alcida Ramos questiona leitoras e leitores brasileiros: "por que a tradução em língua portuguesa do livro de Guillermo Bonfil Batalla demorou tanto a ser feita? Falta de leitores? Não. Falta de interesse no assunto? Também não. Falta de conhecimento do original? Claro que não" (2019, p. 9). Como mestranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB) e graduanda em Estudos Latino-Americanos (ELA/UnB), concordo com os questionamentos levantados pela professora Alcida Ramos, pois, de fato, não me recordo desta obra no ementário de disciplinas que cursei no Instituto de Ciências Sociais da UnB.

Guillermo Bonfil Batalla precisa ser mais conhecido e mais lido, dado o seu engajamento político e intelectual no pioneirismo à frente de instituições mexicanas renomadas, como o Ciesas, do qual foi diretor entre 1976-1980, e Museu Nacional das Culturas Populares, do qual foi fundador. Isto posto, as práticas e políticas construídas ao longo da sólida carreira por esse antropólogo se deram por meio da intersecção entre antropologia e história que enriqueceu não somente diversos campos e subcampos da etnolinguística e indigenismo, outrossim, gestou diversas linhagens antropológicas latino-americanas.

O livro *México profundo* está organizado em três grandes partes dispostas da seguinte forma: Primeira Parte – "A civilização negada"; Segunda Parte – "Como chegamos aonde estamos"; e Terceira Parte – "Projeto nacional e projeto civilizatório". E, conforme o autor, a obra dirige-se a um público não especializado. A redação advém da sua longa atuação no Ciesas; no entanto, o modelo analítico da referida obra apareceu pela primeira vez em uma comunicação proferida no seminário *La teoría del control cultural en el estúdio de processos étnicos*, que aconteceu em 1987.

Os três primeiros capítulos intitulados, respectivamente, "Uma terra com civilização milenar", "O índio desconhecido" e "O índio desindianizado" integram a Primeira Parte do livro e têm como objetivo principal demonstrar como a sociedade mexicana veicula a cultura material ameríndia como discurso do orgulho nacional – o símbolo de atração turística – propalado como a história gloriosa mexicana, mas que privilegia apenas o patrimônio material. Entretanto, monumentos e achados arqueológicos interligam-se às dimensões do "território-história" e território-cultura" (p. 94) que afluem a partir da continuidade histórica e cultural da civilização mesoamericana, historicamente organizada em culturas, grupos étnicos e povos indígenas. Na atualidade, diversos grupos sociais reivindicam a emergente identidade étnica. Desta feita, espalham-se pelo território latino-americano possuindo um modo particular em apreender o mundo e organizar a vida

social mediante suas cosmologias ancestrais, porém, "a civilização mesoamericana é uma civilização negada, cuja presença é imprescindível reconhecer" (p. 40).

Nesta Primeira Parte, Bonfil Batalla afirma que o México Profundo atingiu a escala dos trinta milênios de ocupação humana mantendo-se como uma civilização singular e diversa. No decorrer dos últimos 30 mil anos, presume-se que a continuidade cultural se apoiou em um dinamismo próprio, de tal modo que diversas sociedades surgiram, transitaram e desapareceram no território lidando com variabilidades climáticas, geomorfológicas e processos sócio-históricos. Portanto, hoje unem-se e distinguem-se da sociedade mexicana na forma geral e polifônica chamada "povos". O autor orienta a compreender que as inúmeras diásporas e processos de sedentarização e domesticação de animais e plantas marcaram a agricultura e as nucleações urbanas no decorrer da humanização da natureza, segundo Bonfil Batalla, refletida na preleção dos topônimos que, por sua vez, assinalam a importância da nominação como um ato para afirmar a história e memória.

No plano geral, a Primeira Parte pode ser entendida como um percurso panorâmico que desmistifica o discurso cultural e biológico da mestiçagem mexicana, pois, ao revelar os pressupostos ideológicos e políticos da sociedade colonial, o autor revela o rosto negado, afirmando que o "México Imaginário" ensejou a "democracia racial" (p. 65) a fim de estruturar as bases da hierarquia social nacional. Finaliza apresentando o fio condutor que acompanha a Segunda Parte. Isto posto, vale frisar que Bonfil Batalla identifica que há em curso um processo severo de desindianização que tem o indígena como rosto negado. Tal alocução define-se como contraponto para interpretar a mestiçagem e, ao mesmo tempo, configura-se como um processo histórico que "resulta da ação de forças etnocidas que acabam por impedir a continuidade histórica de um povo como unidade social e culturalmente diferenciada" (p. 65).

Na Segunda Parte, "Como chegamos aonde estamos", Bonfil Batalla agrupa os capítulos quatro, cinco, seis, sete e oito. Aqui, ele vai apresentar sua densa análise e reflexão crítica sobre a colonização e colonialidade, a fim de vislumbrar novos caminhos investigativos. Esses cinco capítulos ampliam conclusões inquisitórias, pois, como advertido na parte anterior, a colonização marca o que ele prefere chamar de "etnocídio e desindianização" (p. 113). Nos três primeiros capítulos, "O problema da cultura nacional", "A Ordem Colonial" e "A elaboração de uma nação", a análise investigativa revela que o projeto advindo da ordem colonial com a primazia dos invasores europeus prosseguiu no decorrer da Independência e Revolução Mexicana e, ainda hoje, configura-se como constructo discursivo hegemônico denominado "México Imaginário".

Ao longo dessa Segunda Parte, o autor corrobora que as relações entre o México Profundo e o México Imaginário têm sido conflituosas durante os últimos cinco séculos de confrontação. O primeiro tem resistido à imposição ocidental nos seus modos de vida, embora não persistam convergências incisivas, uma vez que a civilização ocidental tomou o papel de dominante, afirmando-se ideologicamente como superior. Isto posto, nega e exclui a cultura do colonizado. Nos dois últimos

capítulos dessa Segunda Parte, intitulados "Os (revolucionados) tempos modernos" e "Os Sendeiros da sobrevivência índia", Bonfil Batalla tece críticas e reflexões sobre o conceito de violência perpetrada contra os diversos povos indígenas.

O autor descreve ainda que, do ponto de vista material, a violência impôs-se pela superioridade mortal das armas e pelas táticas de guerra espanhola. A mortalidade da população indígena durante o primeiro século da colônia provocou a mais brutal catástrofe demográfica da história. Contrapondo a perspectiva que alega que antes da colonização existiam violências praticadas pela civilização mesoamericana, Bonfil Batalla não nega que tenha havido dominação nas Américas anterior ao século XVI, mas o colonialismo instaurou uma nova subjugação na qual o "Outro" é negado. O novo sistema de controle cultural demonstrou-se incompatível com a cultura e com o projeto da civilização mesoamericana. A organização social e política mesoamericana manifestava-se nas formas de Estado, senhorios e unidades étnicas com ênfase na comunidade local, mais tarde destruídos pelo Estado-nação, que tem como pilar a monopolização da violência.

Na Terceira Parte, a parte mais concisa da obra, o autor esboça a análise de conjuntura diante do desenvolvimentismo que levou o México à dívida moratória e indaga: "Que temos para avançarmos? (p. 298). O autor afirma que o México Imaginário persiste na ampliação de um modelo econômico excludente e incompatível com a herança milenar mexicana. Destarte, faz-se necessário abranger as diversas sociedades e povos pluriétnicos organizados em sistema social e cultural que resistem há cinco séculos à dominação e opressão colonial. Para Bonfil Batalla, o que realmente não faltam são tijolos. No entanto, urge definir um projeto civilizacional que reconheça o México Profundo, afinal, "o imaginário aqui é o Ocidente" (p. 302), porquanto faz-se necessário remodelar novos planos para o México que tenham como diretrizes e objetivos uma nação etnicamente plural que leve adiante sua descolonização.

O livro configura-se como uma obra fundamental, haja vista dialogar com vários projetos contemporâneos que afirmam a perspectiva anticapitalista e anticolonial baseada em referências das matrizes civilizacionais indígenas. Diante da conjuntura política da região, a América Latina, o livro nos faz pensar que as lutas protagonizadas por diversos povos indígenas e afrodiaspóricos buscam frear a sanha desenvolvimentista camuflada sob vestes de um progressismo latino-americano logrado pelos governos no espectro da esquerda vigentes até a segunda década dos anos 2000. Quando corroboramos com a defesa dos direitos fundamentais e direitos humanos, entendemos que a região tem sido cooptada pelo advento da ultradireita que se estrutura justamente na negação destes.

Portanto, faz-se necessário relembrar o legado do imemorável antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla, que, como intelectual crítico, evocou a necessidade em afirmar a antropologia como uma disciplina encarnada no sendeiro civilizacional mesoamericano.

Recebido: 30/07/2020
Aprovado: 13/08/2020